



“Ela é a minha  
autora preferida desde  
2016 e este é o seu  
melhor livro até hoje.”  
*Brittany Cherry*

uma  
carta de  
amor  
ao  
*Clésique*

AUTORA BEST-SELLER

kandi steiner



k a n d i s t e i n e r

uma  
carta de  
amor  
ao  
*Uísque*

Tradução: Laira Tomaz

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

*Five*

2023  
Porto Alegre

Uma Carta de Amor ao Uísque  
Copyright © 2016 Kandi Steiner  
Copyright da Tradução © 2023 Editora Five

Todos os direitos reservados.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Five

**Arte de Capa:** Bia Santana Design

**Tradução:** Laira Tomaz

**Revisão:** Amanda Rodrigues

**Preparação:** EN Serviços Editoriais

**Diagramação:** Carol Dias

**Imagens de diagramação:** Freepik e Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Steiner, Kandi Uma carta de amor ao uísque [livro eletrônico] / Kandi Steiner ; tradução Laira Tomaz. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2023. ePub  Título original: A love letter to whiskey ISBN 978-65-85185-15-8  1. Romance norte-americano I. Título.  23-149356 CDD-813.5
---

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

# Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Five](#)

## DEDICATÓRIA

*Para Sasha Whittington, minha melhor amiga e a única garota  
que ama tanto quanto eu o calor ardente que o uísque  
provoca. Esse é para você.*

*Um dia, quando você tiver 14, 28 ou 65 anos, você vai  
esbarrar em alguém que acenderá uma chama eterna em seu  
interior.*

*Contudo, você descobrirá a verdade mais terrível e triste —  
essas pessoas nem sempre são aquelas com quem vivemos  
as nossas vidas.*

*— Beau Taplin*



# PRÓLOGO

## *Recaida*

É insana a forma como a agitação bate tão rápido quando você esteve sóbria por tanto tempo.

Eu abri a porta e cambaleei ao vê-lo. Minha visão ficou turva, minhas pernas tremeram. Para chegar a esse ponto, eu costumava ter que beber, no mínimo, uma dose, mas o meu nível de tolerância foi enfraquecido pelo tempo e pela distância, e o simples fato de tê-lo em minha frente fazia o meu sangue ferver. Eu agarrei a maçaneta com mais força em busca de apoio, mas era irremediável, como tentar beber água depois de passar dos limites.

O Uísque estava bem ali, de frente para a minha porta, assim como esteve há um ano. Só que dessa vez, não havia chuva, raiva, nem convite de casamento; éramos apenas nós dois.

Apenas ele — o meu velho amigo, dono de um

sorriso encantador, o meu consolo desvirtuado envolto em uma garrafa reluzente.

Apenas eu — a alcoólatra fingindo que não queria prová-lo, percebendo rápido demais que os meses de sobriedade não diminuíram a vontade que eu tinha de consumi-lo.

Mas não podemos começar assim.

Para contar essa história, nós precisamos voltar no tempo.

Voltar ao começo.

Para a primeira experiência.

# CAPÍTULO 1

## *A Primeira Experiência*

A primeira vez que experimentei o Uísque, eu caí de cara no chão.

Literalmente.

Fiquei bêbada já no primeiro gole, e isso devia ter servido de alerta para que eu parasse.

Jenna e eu corríamos pela trilha que circundava o lago próximo à sua casa, com o suor pingando de nossas testas por causa do calor intenso do sul da Flórida. Era início de setembro, mas para o sul da Flórida, estava com cara de julho. Não existia a estação das “botas e cachecóis”, a menos que você contasse as seis semanas nos meses de janeiro e fevereiro, período em que a temperatura ficava abaixo dos vinte e cinco graus.

Dessa forma, lutávamos contra mais de trinta graus — eu tentando aparecer e provar que era capaz de dar conta

do programa de treinamento de líderes de torcida de Jenna. Ela tinha finalmente entrado para o time da escola, e esse privilégio vinha acompanhado de padrões ridículos que ela precisava seguir. Eu odiava correr; *detestava* isso. Naquele dia, eu teria gostado mais se estivesse pegando uma onda na minha prancha de surfe. Mas, para a felicidade de Jenna, ela tinha uma melhor amiga competitiva que nunca dispensava um desafio. Por isso, quando ela me chamou para treinar ao seu lado, eu concordei cheia de entusiasmo apesar de saber que, no fim do dia, meus pulmões e minhas panturrilhas estariam gritando.

Eu o vi primeiro.

Eu estava alguns passos à frente de Jenna, e mantinha a cabeça baixa enquanto encarava meus tênis rosa-choque à medida que eles atingiam o concreto. Assim que ergui a cabeça, ele estava a uns quinze metros de distância, e mesmo de longe eu soube que estava em apuros. A princípio, ele parecia um cara normal — cabelo castanho, corpo esguio, camiseta branca de corrida encharcada — mas quanto mais perto eu chegava, mais eu me dava conta do quão gostoso ele era. Notei o movimento dos músculos de suas pernas conforme ele corria, a maneira como seu cabelo balançava, o jeito que ele contraía os lábios, concentrado, ao se aproximar de nós.

Olhei para trás, tentando chamar a atenção de Jenna

para sinalizar o código de “homão da porra adiante”, mas ela havia parado para amarrar o cadarço. E quando eu me virei novamente, era tarde demais.

Trombei com força contra ele e caí sobre a calçada, rolando um pouco para amortecer a queda. Ele xingou e resmungou, mais de constrangimento do que de dor. Eu queria poder dizer que me levantei com elegância, sorri de forma radiante e pedi o número dele, mas a verdade é que perdi a habilidade de fazer qualquer coisa assim que olhei para ele.

Um calor desconhecido se espalhou pelo meu peito enquanto eu usava a mão para me proteger dos raios solares que passavam por sua silhueta; era a mesma sensação que você espera sentir ao tomar o primeiro gole de uísque. Ele estava agachado com a mão estendida, dizendo algo que eu não conseguia entender porque eu tinha segurado sua mão de alguma forma, e aquele simples toque incendiou a minha pele.

Bonito não era a palavra certa para descrevê-lo, mas era tudo o que eu conseguia pensar ao observar suas feições. Seu cabelo tinha um tom caramelo, estava úmido na raiz e caía sobre sua testa. Seus olhos eram grandes — quase redondos demais — e tinham uma mescla de dourado, verde e castanho mais escuro. Eu só inventei o apelido Uísque muito tempo depois, mas foi naquele momento, em que o vi pela primeira vez que percebi: aqueles olhos lembravam uísque. Era o tipo de olhos em que você se perdia. O tipo de olhos no

qual você se embriagava. Ele possuía cílios longos e uma mandíbula firme e bem definida. Ela era tão rígida, os contornos tão bem delineados que, se não fosse pelo sorriso em seu rosto, eu poderia jurar que ele estava com raiva de mim. Ele continuava falando quando o meu olhar percorreu seu peitoral largo antes de eu voltar a me concentrar em seu sorriso.

— Minha nossa, você é cego, porra?! — A voz de Jenna me tirou do meu devaneio enquanto ela empurrava Uísque para fora do caminho e me ajudava a levantar. Eu mal tinha conseguido recuperar o equilíbrio quando ela deu meia-volta e continuou ralhando com ele. — Que tal você tirar esse seu cabelo enorme de cima dos olhos e começar a olhar por onde anda, campeão?

*Ai, não.*

Eu nem ao menos tive tempo de assumir a culpa, mal consegui pensar numa palavra, muito menos dizê-la antes que fosse tarde demais. Observei, em câmera lenta, o momento em que Uísque se apaixonou pela minha melhor amiga antes mesmo que eu tivesse a chance de trocar uma única palavra com ele.

Jenna manteve a cabeça erguida, os braços cruzados, e ficou parada em sua pose habitual — com o quadril jogado para o lado — enquanto esperava ele se defender. Esse era seu procedimento padrão; era uma das

razões pela qual nos dávamos tão bem. Nós duas tínhamos o que você chamaria de “pavio curto”, mas Jenna tinha a vantagem de ser linda de um jeito incapacitante, além de ter atitude. Ela jogou seu cabelo loiro, comprido e ondulado para trás e arqueou a sobrancelha.

E ele imitou sua expressão.

O seu sorriso ficou ainda mais largo quando ele olhou para ela com o mesmo olhar que eu já tinha visto estampar o rosto de diversos caras. Jenna era um unicórnio, e os homens se encantavam com ela. Isso não era de surpreender — ela tinha cabelo loiro platinado, olhos azuis claros, pernas longas e uma personalidade forte. Antes que você comece a pensar que eu era a amiga insegura, eu também tinha as minhas qualidades. Era dedicada e talentosa, mas esses não eram os atributos que os garotos da escola valorizavam.

Mas já vamos chegar nesse ponto.

— Oi, — Uísque finalmente falou, estendendo a mão para Jenna. Seu olhar era amigável, seu sorriso, convidativo; se eu tivesse que escolher uma palavra para descrevê-lo, apenas uma, seria encantador. Ele exalava charme. — Eu sou Jamie.

— Bem, *Jamie*, talvez você devesse marcar uma consulta com o oftalmologista antes de sair por aí atropelando outra pessoa inocente. Além disso, você deve desculpas à Brecks. — Ela fez um gesto em minha direção, e eu me

encolhi ao ouvir o meu nome, imaginando por que ela achou necessário mencioná-lo. Ela sempre me chamava de B; todos me chamavam assim. Então, por que ela escolheu o momento em que eu estava cara a cara com o primeiro garoto que fez meu coração acelerar para falar o meu nome inteiro?

Jamie ainda estava rindo, observando Jenna, tentando decifrá-la, mas depois de um tempo, ele se virou para mim com aquele mesmo sorriso maroto no rosto.

— Desculpe, eu devia ter prestado mais atenção, — ele disse, cheio de convicção, lançando-me um olhar incrédulo porque tanto ele quanto eu sabíamos que a culpa não era dele; fui eu quem não prestou atenção na trilha.

— Sem problemas, — murmurei. Por algum motivo, eu ainda estava com dificuldade para encontrar a minha voz. Jamie inclinou a cabeça, o seu olhar era tão penetrante que me senti nua diante dele. Ninguém nunca me olhou daquela maneira, com tanta concentração. Era enervante e emocionante ao mesmo tempo.

Mas antes que eu pudesse me agarrar àquela sensação, ele se virou para Jenna, seus olhares se encontraram enquanto os sorrisos tomavam conta de seus rostos. Eu já tinha visto isso um milhão de vezes, mas essa foi a primeira vez que me senti mal por presenciar esse momento.

Eu o vi primeiro, mas isso não importava.

Porque ele só tinha olhos para ela.



Não demorou muito para que Jenna e Jamie atribuíssem um título ao namoro que eles já mantinham fazia oito dias. Era assim que as coisas funcionavam no ensino médio: não havia joguinhos nem aquela ideia de “vamos ficar para ver no que vai dar”. Ou você estava com alguém ou não estava, e eles estavam muito juntos.

Tive o privilégio de vê-los namorando nos intervalos das aulas, e quanto mais eu desejava odiá-los juntos, menos isso acontecia. Para falar a verdade, eles eram tão fofos que esqueci que tinha visto Jamie primeiro. Jenna era mais alta do que eu, mas era baixa o suficiente para se encaixar com perfeição sob o braço de Jamie. Ela era líder de torcida, ele era jogador de basquete; atuavam em temporadas diferentes, ainda assim eram populares e respeitados. A pele mais escura dele enaltecia as feições mais claras dela, e eles tinham um senso de humor muito parecido. Os nomes deles até *combinavam*: Jenna e Jamie. Sério, como eu poderia ficar com raiva disso?

Então deixei para lá, esqueci toda a ideia que eu tinha dele, me contentei com o posto de vela com o qual já estava acostumada quando se tratava de Jenna e de sua longa lista de namorados. Jamie era o primeiro que parecia gostar da minha presença. Ele sempre falava comigo, contava piadas e tentava reduzir a lacuna entre a estranheza e uma amizade e

fácil. Era bacana, e eu fiquei muito feliz por eles.

Mesmo assim, escolhi ficar fora desse trio naquela tarde depois da aula. Eu arremessei a minha mochila sobre a cama e comecei a revirar minha gaveta de roupas em busca do meu biquíni, desesperada para cair na água antes do pôr do sol. O horário de verão ainda não havia começado, e os dias ficavam cada vez mais curtos, me lembrando que o verão ainda estava longe.

— Oi, querida, — minha mãe falou, batendo suavemente à minha porta. — Está com fome? Poderíamos sair para jantar hoje, de repente, ir àquele restaurante de comida japonesa que você ama.

— Ainda não estou com fome. Vou pegar uma onda, — respondi, com um sorriso tenso. Eu sequer desviei minha atenção da gaveta, apenas peguei o meu top branco com tiras favorito e evitei seu olhar. Eu não era uma adolescente dramática que odiava a mãe, pelo contrário, eu a amava, mas as coisas entre nós estavam diferentes do que costumavam ser há dois anos.

Essa é a parte sobre a qual preciso alertar você: eu tinha problemas com o meu pai. Acho que eu também tinha problemas com a minha mãe de certa forma. Mas deixe-me explicar.

Tudo na minha vida era perfeito, pelo menos na minha opinião, até o verão anterior ao meu segundo ano do

ensino médio. Foi naquele verão que abri meus olhos acinzentados e olhei para a vida ao meu redor, percebendo que ela não era o que parecia.

Eu achava que tinha tudo. Os meus pais não eram casados nem estavam juntos, mas a verdade é que nunca estiveram. Eu estava acostumada com isso. Minha mãe nunca namorava ninguém, já o meu pai namorava, mas nunca se casou novamente, e nós sempre acabávamos passando o Natal juntos — só nós três. Sempre morei na casa da minha mãe, mas ia com frequência à casa do meu pai. Meus pais nunca brigavam, mas também nunca sorriam. Na minha cabeça, eles faziam as coisas funcionarem por mim, e eu era grata por isso. Nós éramos diferentes, eu pulava de casa em casa e eles se suportavam por minha causa, mas funcionávamos bem assim. A pele do meu pai era branca, pálida, com sardas e manchas rosadas, enquanto a da minha mãe era do mais suave e delicado tom de preto. Ébano e marfim, e eu era a mistura perfeitamente imperfeita dos dois.

Eles podiam não ganhar tão bem em seus empregos para me encher de presentes de aniversário ou para me comprar um carro novo e reluzente no meu aniversário de dezesseis anos, mas eram muito batalhadores, pagavam as contas em dia e me criaram para agir dessa forma também. Os Kennedy podiam não ser ricos em dinheiro, mas eram ricos em caráter.

Ainda assim, nem tudo é o que parece ser.

Eu nunca entendi muito bem esse ditado, não até o verão anterior ao meu segundo ano quando tudo o que eu pensava saber sobre a minha vida foi apagado em um piscar de olhos. Houve uma noite em que a minha mãe bebeu muito, como ela sempre fazia, e a ajudei segurando seu cabelo enquanto ela me dizia o quanto sentia-se orgulhosa de mim ao mesmo tempo que esvaziava o estômago em nosso vaso sanitário branco.

— *Você é muito mais do que eu poderia ter desejado,* — ela continuou repetindo. Mas o que era para ser vômito de verdade acabou se transformando em uma regurgitação de palavras, e ela revelou a verdade que eu não estava preparada para ouvir.

A história que me contaram a vida inteira era que a minha mãe e o meu pai foram amigos na infância. Eles eram inseparáveis, e após passarem anos ouvindo as pessoas fazerem piadinhas sobre eles namorarem, eles finalmente cederam e se deram conta de que ficavam perfeitos juntos. Viveram um relacionamento feliz por muitos anos, tiveram uma bebê que eles amavam demais, mas as coisas não deram certo e eles voltaram a ser amigos. Fim. Fofo, né?

O problema é que era tudo mentira.

A verdade era muito mais feia, como sempre é, e eles a esconderam de mim. Minha mãe tinha tomado um porre de

tequila naquela noite e aparentemente se esqueceu do porquê ela se preocupava tanto em mentir para mim, por isso ela disse a verdade.

O fato de que eles foram amigos era verdade, mas eles nunca namoraram; o meu pai ficou com ciúme e começou a perseguir todos os caras que ousavam conversar com a minha mãe, afastando-os de sua vida. E ele não parou por aí. O meu pai deu em cima dela numa noite em que ela chorava por ter sido abandonada por um desses caras, e não aceitou um não como resposta.

Nem na primeira vez que ela disse.

Muito menos na décima primeira.

Sim, ela fez as contas.

A minha mãe tinha dezessete anos na época, e eu fui o fruto daquela noite — uma bebê que não deveria ter sido gerada em meio aquele horror que não deveria ter sido vivido.

Acho que é nessa parte que eu preciso contar a você que odiei o meu pai naquele momento, de verdade, mas por outro lado, eu ainda o amava. Ele ainda era o meu pai, o homem que me chamava de *filhota* e fazia milkshakes quando eu tinha dias ruins. Eu me perguntava como esse homem carinhoso e de fala mansa com quem cresci tão perto poderia ter cometido tal ato.

Por um tempo, vivi em uma espécie de incerteza com relação a esses dois sentimentos — amor e ódio — mas

quando eu finalmente criei coragem para perguntar a ele, para lhe contar o que havia acontecido, ele não tinha nada a dizer. Ele não se desculpou, não tentou se defender e pareceu não esboçar nenhuma emoção além de raiva por minha mãe ter me contado. Depois disso, me afundei ainda mais no ódio e fiquei sem falar com ele por cinco meses.

Eu não deveria ter guardado ressentimento da minha mãe por não ter me contado antes, mas foi isso o que aconteceu. Ela não merecia que eu a culpasse por me fazer acreditar que o meu pai era uma pessoa boa, mas eu a culpava. E por esse motivo, a minha vida nunca mais foi a mesma.

Como falei, a questão não era eu odiar a minha mãe, porque eu não a odiava. Mas depois daquela noite, uma fissura surgiu entre nós com uma força impassível, e eu sentia suas lascas irregulares ferirem o meu coração toda vez que eu olhava para ela.

Era por isso que, na maioria das vezes, eu preferia não olhar.

— Certo, — ela respondeu, derrotada. — Espero que você se divirta. — Eu ainda revirava a gaveta em busca da parte de baixo do meu biquíni quando ela se virou para sair, mas hesitou e disse: — Eu te amo.

Fiquei paralisada, fechei os olhos e respirei fundo.

— Eu também te amo, mãe.

Eu jamais deixaria de dizer essas palavras. Eu a amava demais apesar do nosso relacionamento já não ser mais o mesmo.

No momento em que achei a minha roupa de banho, me vesti, preendi a prancha em cima da minha caminhonete surrada e cheguei na praia, o peso daquele dia ameaçava me sufocar. Mas assim que coloquei minha prancha na água e subi nela, os meus braços encontraram um ritmo familiar em meio ao ardor provocado ao remar, e eu comecei a respirar com mais facilidade.

O surfe no sul da Flórida estava longe de ser algo glorioso, mas funcionava bem para o que eu precisava. Era o que eu mais gostava de fazer para passar o dia, conectada com a água, comigo mesma. Era um momento só meu, um momento para pensar e processar as coisas. Eu usava o surfe da mesma forma que muitas pessoas usavam a academia ou a comida: para lidar com a vida, para me curar, resolver os meus problemas ou ignorá-los, dependendo do meu humor. Ele era o meu consolo.

Mas quase caí da prancha quando Jamie apareceu remando ao meu lado.

— Que coincidência encontrar você aqui, — ele disse, com a voz baixa e rouca. Ele riu do meu desequilíbrio, e estreitei os olhos, mas sorri mesmo assim. Tudo o que eu achava que sabia sobre o seu corpo foi apagado naquele

momento, e engoli em seco, percorrendo os contornos definidos de seus braços que se prolongavam até o seu abdômen. Havia uma cicatriz lá, bem acima do quadril direito, e eu a encarei por um segundo longo demais antes de pigarrear e voltar minha atenção para a água.

— Pensei que você tinha planos com Jenna.

Ele deu de ombros.

— Eu tinha. Mas pelo visto, houve uma crise entre as líderes de torcida.

Nos entreolhamos, segurando o riso o máximo que conseguimos antes de cairmos na gargalhada.

— Nunca vou entender os esportes em equipe, — falei, balançando a cabeça.

Jamie estreitou os olhos para protegê-los do sol enquanto passávamos por uma pequena onda, nossas pernas pendiam nas laterais de nossas pranchas.

— Como assim você nunca vai entender ter um time que trabalha para alcançar o mesmo objetivo?

Eu ri com sarcasmo.

— Não seja irritante. Você entendeu o que eu quis dizer.

— Quer dizer então que você odeia diversão?

— Não, mas odeio diversão em *equipe*. — Eu o olhei de forma enviesada, dando um sorrisinho que ficou um pouco mais largo quando ele sorriu de volta. — Não sabia que você

surfava.

— Pois é, — ele respondeu sem rodeios. — Acredite ou não, mas nós, pessoas que gostam de diversão em equipe, também curtimos esportes individuais.

— Você não vai mesmo deixar isso para lá, vai?

Ele riu, e eu relaxei um pouco. E daí que Jamie era lindo para caramba e tinha o abdômen do Brad Pitt quando era jovem? Eu poderia fazer isso; ser sua amiga e ignorar o leve frio na barriga que eu sentia quando ele sorria para mim. Era legal ter outro amigo além de Jenna. Enquanto ela fazia amigos com facilidade, eu tinha a tendência de afastar as pessoas — tanto por escolha própria quanto por acidente. Talvez o trio Jamie-B-Jenna não fosse tão ruim assim.

Mas assim que considerei essa possibilidade, a ideia de ter um garoto como amigo, senti o meu estômago se revirar por uma razão completamente diferente. A lembrança da minha mãe curvada sobre o vaso sanitário me atingiu com rapidez, seus olhos vermelhos e suas palavras pareciam criar um nó em minha garganta. Eu engoli em seco, fechando os olhos por um momento antes de olhar para o relógio à prova d'água em meu pulso.

— Devíamos pegar a próxima onda.

Não esperei que ele me respondesse para eu começar a remar.

Nós surfamos o que conseguimos, mas as ondas

estavam muito pequenas naquele dia, e tudo o que fizeram foi nos empurrar de volta à areia. No fim, acabamos onde tínhamos começado: com as pernas balançando dentro da água salgada enquanto observávamos o mar. O sol desaparecia lentamente atrás de nós, se pondo na costa oeste e cobrindo a praia em um brilho amarelado.

— Aonde você vai quando faz isso?

— Faço o quê? — Perguntei.

— Você tem um olhar distante às vezes. É como se você estivesse aqui, mas não estivesse.

Ele me observava da mesma maneira que me observou quando nos conhecemos. Eu passei o dedo sobre um dos desenhos pretos da minha prancha e dei de ombros.

— Fico pensando.

— Isso parece perigoso.

Ele sorriu, e senti minhas bochechas esquentarem, embora ninguém soubesse além de mim. A minha pele não corava como a de Jenna.

— Deve ser. É melhor você ficar longe.

Jamie mordeu o lábio enquanto ainda me encarava, e abriu a boca para dizer algo, mas desistiu. Ele se virou, olhando na mesma direção que eu, e voltou a falar.

— Em que você está pensando agora?

Eu suspirei.

— Estou pensando que mal posso esperar para dar o

fora daqui, me mudar para a Califórnia e finalmente pegar umas ondas de verdade.

— Você vai se mudar?

— Ainda não. Mas espero poder fazer faculdade lá.

— Ah! — Ele exclamou. — Então, suponho que você não tenha interesse em frequentar a Universidade de Palm South, certo?

Balancei a cabeça.

— Não, drama demais. Quero uma universidade mais tranquila na costa oeste. Algum lugar que tenha ondas que não sejam uma droga.

Jamie mergulhou a mão no mar e a ergueu, deixando a água pingar de seus dedos sobre a pele quente de seus ombros.

— Eu também, Brecks. Eu também.

Me encolhi ao ouvir o meu nome.

— B.

— Só B, né?

Assenti.

— Você também quer estudar na Califórnia?

— O plano é esse. Tenho um tio que mora lá e que tem contatos dentro de algumas universidades. Você já tem alguma em mente?

— Ainda não. Só quero um lugar que seja bem longe daqui.

Ele assentiu uma vez, mas graças a Deus, não me pressionou para que eu explicasse essa pequena declaração dramática. Ficamos sentados em silêncio por mais um tempo antes de voltarmos a remar e caminhar com as pranchas debaixo dos braços enquanto seguíamos em direção aos nossos carros. A areia estava um pouco áspera sob os nossos pés, mas eu amava essa sensação. Amava tudo o que tinha a ver com praia, especialmente o surfe, e ao olhar para Jamie, fiquei mais do que agradecida por ter encontrado com ele.

Ele me ajudou a guardar as coisas depois que nos lavamos, prendendo minha prancha verde limão ao topo do meu carro velho e traiçoeiro. Betty, o meu Kia Sportage 1998, era tão confiável que se recusou a ligar quando eu tentei dar partida.

— Ótimo, — murmurei, encostando a cabeça no volante. Jamie tinha acabado de prender a prancha em seu carro, e voltou para onde eu estava.

— Não está ligando?

— Parece ser o meu dia de sorte.

Ele sorriu, abrindo a minha porta.

— Venha, eu te levo para casa.

Eu ainda não sabia, mas aquele pequeno gesto, aquelas seis palavrinhas mudariam tudo entre mim e Jamie Shaw.

## CAPÍTULO 2

### *Empriagada*

Por mais que eu amasse a praia, odiava o que ela fazia com o meu cabelo.

Eu era fruto dos meus pais e herdei características dos dois em medidas iguais. Eu tinha os olhos do meu pai, o cabelo da minha mãe, e o meu tom de pele era uma mistura delicada dos dois. Como o meu pai era branco e a minha mãe era negra, fiquei nesse meio-termo — a minha pele tinha uma tonalidade de café com leite cremoso. Eu era baixinha como a minha mãe e teimosa como o meu pai, e de alguma forma, herdei a combinação intensa que era a ética profissional dos dois. A minha mãe era pequena, não tinha quase nenhuma curva que valesse a pena mencionar, e eu era igual a ela nesse aspecto. Eu amava o meu corpo atlético, ainda que ele não chamasse a atenção dos garotos do jeito que os quadris de Jenna faziam.

Sendo assim, a água salgada se misturava ao meu cabelo tão bem quanto uma mistura entre água e óleo. Fiz o que pude para arrumá-lo no pequeno espelho localizado na viseira do Jeep de Jamie, usando meus dedos para tentar trazer os cachos de volta à vida. Passei também as mãos sobre as bochechas para limpar o sal que estava grudado nelas. Os meus olhos azuis acinzentados pareciam cansados naquele dia, e os fixei sobre as sardas que cobriam as minhas maçãs do rosto por um breve segundo antes de fechar a viseira e relaxar sobre o banco de couro.

Eu nunca tinha visto um Jeep tão bacana, muito menos andado em um. Era novinho, vermelho cereja, tinha bancos de couro e um painel elaborado. Na minha opinião, era um pouco exagerado, principalmente para um estudante do ensino médio. Um garoto de dezessete anos precisava mesmo de um carro caro como esse?

A resposta era não.

Mas descobri muita coisa sobre Jamie naqueles oito dias após nos conhecermos, graças a algumas pesquisas nas redes sociais. A nossa escola era gigantesca; havia mais de seiscentos alunos só na série em que Jenna e eu estávamos. Não me orgulhava por ter navegado na internet para descobrir mais sobre o novo namorado da minha melhor amiga, ainda assim, me deparei com um monte de coisas. O suficiente para saber que o pai dele era dono de uma das principais empresas

de contabilidade em Fort Lauderdale, e que Jamie teria tudo o que precisasse pelo resto da vida. Eu *esperava* conseguir entrar em uma faculdade na Califórnia, mas não havia dúvidas de que ele conseguiria se assim ele quisesse.

Eu imaginava como seria crescer sabendo que a sua condição financeira nunca o impediria de fazer nada, mas na realidade, eu não ligava para isso. Fui criada aprendendo que você precisa trabalhar para conseguir o que deseja na vida, e era isso o que eu pretendia fazer. Eu já estava me saindo muito bem, me concentrando em minhas notas e me envolvendo no máximo de atividades escolares que pudesse suportar para elaborar o meu currículo para a faculdade.

Também descobri que ele tinha um cachorro chamado Brutus e duas irmãs mais novas que eram tão lindas quanto ele.

Minha perseguição foi só até aí, porque eu não queria ter que admitir que isso era algo sinistro a se fazer.

— Então é só seguir pela Scenic Drive? — Jamie perguntou, virando na Cherry Street.

— Isso. Vire à esquerda na Scenic, a minha casa é a quarta à direita. Ela é amarela, não tem como passar despercebida.

Ficamos em silêncio, e passei as mãos sobre o cabelo mais uma vez para endireitá-lo, imaginando se Jamie se importava com a aparência dele.

— Esse carro é superbacana, — falei igual a uma idiota, pondo um fim ao silêncio. Os olhos de Jamie brilharam; ele se mexeu e segurou o volante com a outra mão.

— Valeu. Tive que ralar durante três verões para consegui-lo, então obrigado.

Eu arqueei a sobrancelha.

— Foi você quem pagou por ele?

— Mais ou menos. Trabalhei na empresa do meu pai durante três verões sem receber. Apenas falei para ele que eu queria um Jeep bem bacana, um que eu pudesse usar para carregar minha prancha por aí, mas que fosse confortável para uma viagem longa. — Ele se virou para mim. — Ele finalmente o comprou depois do verão passado.

— Maneiro. E por que exatamente o seu carro tem que ser à prova de viagens longas?

Jamie notou o momento em que eu cruzei os braços, arrepiada por conta da água salgada que secava em minha pele. Ele se inclinou e regulou o ar-condicionado.

— Não sei, acho que por precaução. Eu amo dirigir. Me ajuda a esfriar a cabeça.

— Sei como é.

— Além disso, é o único momento que eu tenho para ouvir as músicas que realmente quero. Quando não tem mais ninguém no carro para dar palpite, sabe?

— Agora fiquei curiosa, — respondi, descruzando os

braços e cruzando as pernas. — O que você gosta de ouvir?

Jamie contraiu os lábios.

— Você promete que não vai rir?

— Não.

Ele riu.

— Então não posso mostrar a você.

— Tá bom, tá bom. Eu não vou rir. — Ele me encarou, pensando se deveria confiar em mim ou não. — Não alto o suficiente para que você consiga escutar.

— Nada mais justo.

Ele deu um sorriso rápido enquanto conectava o cabo auxiliar ao celular e navegava pelas músicas. Toda vez que ele movia o dedo sobre a tela, percorrendo as listas de músicas, uma linha muito bem definida surgia em seu antebraço, no local onde os músculos se moviam. Eu mantive o meu olhar fixo naquele lugar, observando aquele músculo, até o momento em que a primeira nota tocou enquanto parávamos no sinal vermelho.

Era suave, relaxante e familiar. *Muito* familiar. Quando me dei conta de qual música era, não consegui conter a minha reação.

— Não acredito.

— Eu sei, é meio nerd. — Jamie segurou o botão de volume, mas dei um tapa em sua mão.

— Não, não, é incrível. Eu só não consigo acreditar

que você escuta música clássica. Esse é Brian Crain, certo?

Ele ficou pálido.

— Sim.

— Eu gosto muito dele, — falei, animada, sentando-me direito. Talvez eu até tenha dado pulinhos de alegria. — Ele é maravilhoso. *Por favor*, me diga que você também escuta The Piano Guys.

Ele ficou de queixo caído.

— Eu *amo* The Piano Guys.

Nós dois rimos enquanto nos entreolhávamos como se o outro não existisse.

— Que loucura! Nunca conheci alguém que amasse esse tipo de música. Tipo... nunca.

— Somos dois, — ele disse quando a luz do semáforo ficou verde. Ele não andou com o carro no mesmo instante, apenas manteve seu olhar fixo em mim, me encarando daquele jeito que me fazia imaginar o que ele estava pensando. Era como se eu fosse uma pintura e ele o curador. Eu podia senti-lo refletindo, andando em círculos, pensando se deveria agarrar-se a mim ou me deixar escapar.

Eu torcia para que fosse a primeira opção mesmo sabendo que não deveria.

O Mazda atrás de nós buzinou, Jamie piscou e o feitiço foi quebrado. Passamos o restante do trajeto calados, curtindo as músicas e o vento em nossos cabelos. Ficar

sentada ao lado de Jamie em silêncio era estranhamente confortável; era como se não precisássemos de palavras, principalmente quando a versão clássica de “Bring Him Home” de Os Miseráveis nos embalava enquanto ele dirigia.

Assim que ele parou em frente à minha casa, eu sorri, minha cabeça ainda encostada contra o assento no momento em que olhei para ele.

— Eu sei tocar essa.

— Tocar?

Assenti.

— Aham. No violino.

— Você toca violino?

— Não.

Ele abriu a boca, fechou e riu.

— Agora você me deixou confuso.

O sorriso tomou conta do meu rosto.

— Eu não toco violino. Mas um dia, me sentei perto de um garoto da banda na hora do almoço e ele viu que eu estava escutando essa música. Ele tirou os meus fones, se achando, e disse no pé do meu ouvido que ele sabia tocá-la no violino. Ele pensou que seu flerte foi o máximo. — Dei de ombros. — Mas não fiquei nem um pouco impressionada e falei para ele que qualquer pessoa poderia aprender a tocá-la. Ele desistiu de flertar e começou a se sentir ofendido, dizendo que eu não conseguiria aprender, então fizemos uma aposta.

Cinco semanas depois, eu voltei à mesa onde ele se sentava, peguei o violino que estava bem ao seu lado e toquei.

— Não acredito.

Eu sorri, mordendo o lábio.

— É sério. Sou uma pessoa muito competitiva, Jamie Shaw. Nunca corro de um desafio.

Seus olhos tinham uma espécie de tom verde dourado em meio ao pouco de luz que ainda restava do dia, o crepúsculo dava o ar da graça, e ele encostou a cabeça contra o assento, igual a mim.

— Não vou me esquecer disso, Br... — Ele hesitou.  
— B.

Por um segundo, me permiti olhar para ele, depois tirei o cinto de segurança e peguei minha bolsa de praia, colocando a alça sobre o ombro.

— Obrigada pela carona. — Eu suspirei, balançando a cabeça. — Jenna vai me matar quando descobrir que não vou poder ir ao jogo amanhã.

— Como assim?

— Bem, vou ligar para o meu pai para ver se ele pode pegar o meu carro e levá-lo à oficina de um amigo, mas é impossível que ele fique pronto até amanhã à noite. Jenna vai se apresentar em nosso primeiro jogo em casa. Prometi a ela que eu iria, mas acho que não vai dar, a menos que a minha mãe saia mais cedo do trabalho.

— Eu te levo, — Jamie ofereceu rapidamente.

— Não, não, está tudo bem. Você não precisa se...

— Eu quero. De verdade. Eu também vou, além disso, seria legal ter companhia. — Ele deu aquele sorriso que me deixava com as pernas bambas.

— Tá legal.

Seu sorriso ficou ainda maior.

— Tá legal.

A minha mãe já estava em seu quarto quando pendurei a prancha na garagem, então preparei um misto quente e comi sozinha em meu quarto. Não liguei a TV nem verifiquei as notificações em meu celular. Apenas comi devagar, sem pressa, encarando a porta do meu closet enquanto relembrava cada segundo daquela noite. Depois de passar mais tempo do que o necessário comendo, liguei para o meu pai. Ele já devia saber que eu precisava de algo quando atendeu — esse era o único motivo pelo qual eu ligava para ele — e fui direto ao ponto. Ele disse que cuidaria de tudo, porque ele era esse tipo de pessoa.

Mas ele também era o tipo de homem que foi capaz de estuprar a minha mãe, e às vezes eu tinha que me obrigar a lembrar disso. Principalmente nas noites em que ele me chamava de *filhota* e o meu coração se enchia com o amor que eu sempre senti por ele.

A minha vista ficou embaçada, provavelmente por

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Carta de Amor ao Uísque" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).